

ÍNDICE

Nota Editorial.....	11
Prefácio.....	13

NO MEIO DO CAMINHO DA VIDA

Lusismo e obscurantismo dos estudos clássicos.....	25
Ensino do Português e Latim	29
Ensino do Português e ensino do Francês.....	32
Positivismo e filologia.....	35
O estilo da Renascença Portuguesa.....	39
Problemas do estilo em Sampaio Bruno	43
Notas sobre Teixeira Rego	47
Escritores figuras de retórica.....	52
Laços da Filologia para a Poesia.....	56
O princípio de individuação na literatura.....	59
Psicologia e sociologia do trabalho	63
No centenário do nascimento de Sampaio Bruno.....	78
Futuro do romance português.....	81
«A Razão Animada» de Álvaro Ribeiro	85
O Centenário de Sampaio Bruno	88
Aspectos sociais e legais do trabalho feminino	90
Características heróicas da novela inglesa.....	102
Da cultura portuguesa ao romance francês	106

Afonso Botelho e a estética e enigmática dos Painéis	109
Sampaio Bruno, crítico literário	112
Sampaio Bruno	116
Problemas demográficos.....	119
O som e o sono na psicologia de Henrique Bergson	127
A poesia do alfabeto	133
Como traduzir Henrique Bergson	137
Traição dos «Clercs».....	141
Da língua portuguesa.....	145
Das Artes Plásticas para a Arte Poética	151
Arte Poética e Surrealismo.....	155

OS MEUS PREFÁCIOS

<i>Apresentação de Vigília Ardente</i> , de Carmo Martins	165
<i>Prólogo a Por Outras Palavras</i> , de Ivone de Moura.....	168
<i>Prefácio a Arte e Transcendência</i> , de Maria de Lurdes Pelicano	172
<i>Prefácio a O Brasil Mental</i> , de Sampaio Bruno	174
<i>Duas cartas-prefácio a O Velho da Montanha</i> , de Pedro Sinde	184
<i>Posfácio a Mensagens do Anjo da Aurora</i> , de Dalila Pereira da Costa... 186	
<i>[Sobre os sonhos] Posfácio a Arte de Sonhar</i> , de António Cândido Franco.....	188
<i>Testemunho à laia de prefácio a Alguns Mareantes Desconhecidos da Terra de Sesimbra e outros textos</i> , de Rafael Monteiro	190
<i>Introdução a Londres. Cantos Indecisos. Cânticos</i> , de Teixeira de Pascoaes	194
<i>Apresentação de Mapa Metafísico da Europa</i> , de Carlos Aurélio.....	204
<i>Introdução a Dioniso em Creta e outros ensaios</i> , de Eudoro de Sousa... 210	
<i>Prefácio a Re-criações Herméticas II</i> , de José Manuel Anes.....	215
<i>Carta prefacial a O Anjo e a Sombra</i> , de Pedro Martins	218
<i>Carta prefacial a Barros Basto – A Miragem Marrana</i> , de Alexandre Teixeira Mendes	220
<i>Prefácio a Demasiado (too much)</i> , de João Fortio	224

<i>Prefácio a O Céu e o Quadrante</i> , de Pedro Martins	225
<i>Chamamento</i> – Prefácio, com texto adicional na contracapa, a <i>A Verdadeira História de Aladino e a Lâmpada Maravilhosa</i> , de Rodrigo Sobral Cunha.....	232

HISTÓRIA OCULTA DE PORTUGAL

[Plano do livro]	237
[Introdução]	239
A inveja como agente da degenerescência espiritual.....	244
A degenerescência vocálica do Português. A acção da inveja nas modificações da língua. Inquisição. Inveja e polícia	246
António Vieira	251
Fernando Pessoa.....	252
Epílogo à maneira de metáfora.....	256
 Posfácio.....	 260

MARGINÁLIA

Cartas de Rebelo Gonçalves para António Telmo	269
Amar mais a hipótese do que a verdade – Teixeira Rego: filólogo esquecido, filósofo desconhecido	274
Comentário a <i>Sampaio Bruno</i>	284
Comentário a <i>Arte Poética e Surrealismo</i>	288

NOTA EDITORIAL

Publicam-se, antes de mais, neste Volume VIII das Obras Completas de António Telmo os escritos que pelo filósofo foram dados à estampa, em publicações periódicas, entre 1952 e 1965, ou seja, anteriormente à sua partida para o Brasil em 1 de Fevereiro de 1966. Pela sua particular natureza, somente se exceptuaram desta recolha os dispersos “Marés” e “Páscoa no Mar”, publicados em *O Sesimbrense*, respectivamente em 16 de Novembro de 1952 e em 5 de Abril de 1953, e bem assim a “Entrevista com António Telmo”, saída a lume n’*O Benfca Ilustrado* de 1 de Maio de 1964. O leitor poderá encontrar estes três textos em *Luis de Camões e o Segredo d’Os Lusíadas seguido de Páginas Autobiográficas*, Volume III das presentes Obras Completas.

Com excepção do escrito “Da Língua Portuguesa”, que integra *Filosofia e Kabbalah*, os textos agora compilados, que surgem pela ordem cronológica da sua publicação, nunca haviam sido reunidos em livro. O título que os agrega – *No meio do caminho da vida* – é um conhecido verso de Dante Alighieri que António Telmo cita no derradeiro escrito desta secção. E, com efeito, o filósofo costumava dar ênfase ao facto de *Arte Poética*, seu livro de estreia, haver sido escrito e impresso quando ele tinha 36 anos, ou seja, naquela idade em que, segundo o poeta florentino, nos encontramos *no meio do caminho da vida*. O leitor poderá verificar como a quase totalidade dos artigos agora reunidos convergem, de um ponto de vista formativo, para o surgimento daquele primeiro livro do filósofo, sendo que os quatro últimos, que lhe são já posteriores, como que o desenvolvem, esclarecem ou aprofundam. Flagrante será porventura



o caso do artigo “Como traduzir Henrique Bergson”, que corresponde, com ligeiras alterações, ao primeiro capítulo do livro de 1963.

Na segunda parte deste volume, a que, respeitando o desígnio expresso por Telmo, se deu o título *Os meus prefácios*, reúnem-se, também por ordem cronológica de publicação, todos os escritos de natureza prefacial ou afins que o filósofo deu à estampa.

Na terceira e última parte, publica-se grande parte dos materiais de uma primitiva versão de *História Secreta de Portugal*, então ainda com o título *História Oculta de Portugal*. De natureza fragmentária e organização conjuntural, do conjunto dado a lume só se deixou de fora os escritos que escassa diferença patenteavam com as versões definitivas, consagradas no livro de 1977, bem assim como um outro – “A inveja como agente da degenerescência espiritual” – revelando uma versão levemente diferente, e de resto inacabada, da que por nós veio a ser escolhida.

Em marginalia, publicam-se as quatro cartas do Professor Rebelo Gonçalves, por mais de uma vez mencionado nos escritos de *No meio do caminho da vida*, que se encontram no espólio de António Telmo, um ensaio de Rui Lopo que presta particular atenção a um dos artigos (sobre Teixeira Rego) reunidos sob o título em apreço e ainda dois comentários, da autoria de Paulo Samuel e de António Cândido Franco, a outros tantos textos da mesma secção.

Na fixação do texto, face a palavras que suscitam dúvidas nos textos impressos ou se revelam de muito difícil compreensão nos originais manuscritos, assinalamos no próprio texto – com recurso ao sinal “[?]” associado às mesmas – ou em nota a(s) possibilidade(s) de leitura. Reconstitui-se ainda conjecturalmente o léxico em falta, dando-o em parêntesis rectos.

Genericamente, corrigiram-se erros patentes, sobretudo de pontuação, sem, por via de regra, se assinalar essa intervenção. As notas que não estejam identificadas como notas do organizador (abreviadamente: “N. do O.”) são da autoria do próprio António Telmo.

Uma palavra final de agradecimento é devida ao escritor e editor Luiz Pires dos Reys, que nos deu a conhecer o artigo “Escritores Figuras de Retórica”, que se encontrava ainda omissa na bibliografia activa de António Telmo, bem como a Eleonor Castilho, pela sua colaboração na revisão do texto do presente volume.

PEDRO MARTINS



DA LÍNGUA PORTUGUESA⁵³

A superstição atribui às palavras poderes mágicos. A moderna filosofia liga a esta superstição apenas um valor histórico e etnográfico, enquanto pretende explicar a crença que lhe corresponde em função de categorias próprias de uma mentalidade primitiva. No entanto, o homem civilizado admite a eficácia das palavras na esfera das acções puramente psíquicas, como acontece com os católicos perante os sacramentos, mas nega-a no domínio dos corpos, *in extremis*, no domínio dos corpos metálicos. Está, porém, a filosofia moderna, directa ou indirectamente, relacionada com aquelas correntes mentais que combateram o catolicismo como superstição. Só uma doutrina contrária à cartesiana, que admita, como por exemplo a dos aristotélicos, que a alma é a forma do corpo, referirá ou há-de referir a palavra ao seu mais alto grau de poder, fazendo seguir-se a um movimento subtil uma modificação do corpo. Verificamos, de facto, que os corpos se alteram, mas tão lentamente e segundo leis tão conhecidas que nos parece absurdo supor no processo qualquer acção de natureza mágica. As palavras «Abre-te Sésamo» têm de ser imediatamente seguidas do fender do rochedo, a pedra tem de transmutar-se instantaneamente em ouro.

É uma triste situação nossa esta de portugueses de nos vermos obrigados a relegar para a poesia o estudo de tão altos problemas. Ali, tudo é admitido, até porque se não toma a sério. Por influência dos

⁵³ N. do O. – Publicado originalmente em *Espiral*, ano I, n.º 4/5, Lisboa, Inverno 1964-65, pp. 37-41.



positivistas, dando a este termo a máxima extensão, o homem português procede como um ser duplo, cindido entre a «razão» e a «imaginação» e terá de ir buscar à autoridade de uma disciplina estrangeira a convicção de que lhe é permitido meditar em prosa quando verdadeiramente lhe importa. Assim, neste passo, é a Freud que recorreremos.

O descobridor da psicanálise era um racionalista, que teve sempre o cuidado em substituir os termos por que tradicionalmente se designam os elementos e as forças da vida psíquica por palavras aceites no domínio científico. Se soubermos, como ele nos ensina sobretudo na sua *Interpretação dos Sonhos*⁵⁴, desdobrar o que foi dobrado, extrairmos talvez dos seus livros muito mais do que uma explicação sexualista do homem, segundo o monismo antropológico que vulgarmente lhe é atribuído. Em termos aristotélicos, dir-se-ia que se a «libido» constitui a causa substancial, o conhecimento é a finalidade de que a palavra é o princípio formativo. Com efeito, o elemento filológico é fundamental em Freud. A palavra actua entre o inconsciente e o consciente, de tal modo que é pela atenção aos seus movimentos que se explicam os actos falhados, as nevroses, os sonhos –, enfim, toda a vida psíquica do homem e da mulher.

Pondere-se a importância de tudo isto. Em primeiro lugar, as línguas não serão, como se tem querido, instrumentos quase físicos, ou, pelo menos, tão relacionadas com certos mecanismos fisiológicos que se possam estudar, na sua natureza e evolução, dentro dos quadros fonéticos da filosofia alemã; não serão, em segundo lugar, sistemas de expressão de ideias ou de emoções, conforme querem os gramáticos e os estilistas de formação germânica; e estarão, por conseguinte, muito mais desligadas das funções cerebrais do que pensam quantos se agarram ainda a uma fisiologia ultrapassada. Sem dúvida que, de uma perspectiva positivista, a palavra se vai afastando do seu condicionalismo bruta-mente corporal, mas ficará sempre presa a um complexo de determinações físicas. Evidente é, por outro lado, que algo se passa como se tal relação (do «logos» com a «carne») fosse inevitável. Contudo, Freud veio mostrar que, até no homem natural, a palavra tem uma actividade que não pode ser explicada simplesmente por aquele condicionalismo físico. Actua como uma força metapsíquica, como um agente invisível.

⁵⁴ N. do O. – Em rigor, *A Interpretação dos Sonhos*.

